

ENTREVISTA: PROFA. ANA F. AZEVEDO POR CLÁUDIO BENITO O. FERRAZ

Professora Ana Francisca de Azevedo é dos expoentes portugueses dos estudos geográficos que aborda os elementos culturais. Vem desenvolvendo um rico e diversificado trabalho que articula as pesquisas sobre cinema e literatura com os estudos epistemológicos da geografia atual, de maneira a pontuar novas possibilidades temáticas, teóricas e metodológicas para esta ciência. Ela é coordenadora do núcleo português da Rede Imagens, Geografias e Educação e entre seus trabalhos, destacamos: **Geografias Pós-Coloniais: ensaios de geografia cultural** (organizado juntamente com José Pimenta e João Sarmento. Porto (Pt): Livraria Figueirinhas, 2007); **Ensaio de Geografia Cultural** (organizado juntamente com José Pimenta e João Sarmento. Porto (Pt): Livraria Figueirinhas, 2006). **Geografia e Cinema** (In: Cinema, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. Obra organizada por Roberto L. Corrêa e Zeny Rosendahl).

Nome: Ana Francisca de Azevedo

Nascimento: Braga – Portugal - 04.02.1968

Instituição em que trabalha: Departamento de Geografia – Instituto de Ciências Sociais –
Universidade do Minho – Guimarães: Portugal

Função que exerce: Professora Auxiliar

Área que atua na geografia: **Geografia Cultural**

EL- Conte-nos um pouco de suas origens familiares e de como a sua história se desdobrou no fazer Geografia. Como começou a trabalhar com esse conhecimento e como se entende atualmente no contexto da academia portuguesa.

AFA. As origens familiares perdem-se no tempo e no espaço e a todo o momento se refazem. Há uma memória genética que nos sintetiza, quiçá, e depois há cruzamentos múltiplos materiais e imateriais que vão dando sentido a um percurso existencial. Ainda muito pequena acompanhava os carreiros de formigas e sentia-me parte deles. Creio que experiências desse tipo foram decisivas para o que faço, tal como o primeiro contacto com Portugal, Mediterrâneo e Atlântico de Orlando Ribeiro. É desta forma que me entendo, ainda hoje, no contexto da academia portuguesa.

EL- Como analisa a sua evolução intelectual em relação as mudanças que ocorreram na Geografia a partir dos anos 70:

AFA. Se percebermos a evolução como mecanismo de reacção, considero que o facto de ter efectuado a licenciatura em Geografia num momento em que os métodos quantitativos preparavam a consolidação da ciência tecnocrata foi crucial.

EL- Quais pensadores e/ou textos você entende como fundamentais para sua formação e evolução intelectual:

AFA. Essa pergunta é difícil de responder. Com a minha idade a quantidade de textos dos mais variados tipos com que contactei e que me marcaram é imensa. Não consigo listar as geografias puras e impuras de que sou feita para além do óbvio, das referências presentes nos meus trabalhos. A minha obsessão pela paisagem torna-a o meu texto canónico, de autoria colectiva.

EL-Como analisa a situação da geografia produzida na Universidade Portuguesa hoje:

AFA. Vivemos um momento decisivo de emancipação que naturalmente acciona vigorosos dispositivos de controlo. O momento é de resistência.

EL-Você consegue estabelecer comparações entre as mudanças ocorridas na Geografia praticada nas academias portuguesa e a brasileira.

AFA. Podem estabelecer-se muitas comparações, até porque uma e outra integram um movimento contemporâneo mais vasto de teoria e prática científica e tecnológica. Aquilo que me parece mais perigoso é que ambas integram educadamente a máquina de biopoder preparada para sustentar o novo milénio. Aquilo que me parece mais interessante é que ambas se procuram nos movimentos de resistência frente à reorganização das geometrias de poder com a sua parafrenalia de dispositivos de paralesia cerebral, de instruções ditadas subliminarmente através de aparelhos preparados para transformação dos sujeitos ora em audiências passivas ora em corpos de guerrilha prontos para combate ao primeiro grito de ordem. Tudo isto como parte de uma máquina global de guerra, exploração e trabalho a acontecer em pleno, em formato de acordo tacito. Sob o efeito da psicologia do terror de uma guerra nuclear ou biológica, mas antes disso, sob o efeito de uma psicologia do medo de não constar nas olimpíadas do desenvolvimento.

EL-E a geografia praticada no ensino básico em Portugal, como se encontra em relação a essa elaborada nos centros universitários:

AFA. A educação geográfica é parte daquela máquina, do pré-escolar à universidade. Fazer geografia é também fazer educação geográfica. Neste sentido o ensino oficial pode ser transformado num dos mais apurados aparelhos de guerra.

EL-Quais são os principais desafios para a produção científica da geografia hoje no Brasil e em Portugal:

AFA. A descolonização das representações e das práticas imperialistas, nomeadamente a emancipação da construção do conhecimento relativamente às redes formais e informais de comunicação que paralisam a acção concertada das comunidades no sentido da resolução dos seus próprios problemas e da concretização de projectos endógenos. O estudo e a compreensão das novas epistemes que, como o cinema, se organizaram ao longo do século XX, vindo a naturalizar sistemas de signos geográficos que operam a legitimação dos regimes políticos e ideológicos dominantes. A recolocação ontológica do conceito de tecnologia estribada na paisagem como estética de aproximação e fundada no continuum naturezacultura.

EL-O nosso centro universitário está localizado numa zona de fronteira entre Brasil, Paraguai e Bolívia, daí discutirmos o conceito de Entre-Lugar como esse território de encontros

e tensões em que a multiplicidade acontece com toda a sua singularidade. Como pensa esse conceito? Como articula ele entre a situação portuguesa na Europa e em relação ao Brasil:

AFA. A ideia de fronteira tem sido uma das mais desenvolvidas nas últimas décadas no sentido de fazer acontecer a diferença. A fronteira é o momento de contacto, por excelência. É talvez dos conceitos mais complexos porque o argumento da artificialização das divisões territoriais não deve iludir o sentido de circunscrição que se cumpre como direito de existência de qualquer corpo. Donde o imenso desafio. Em certo sentido o conceito de Entre-Lugar responde a este desafio mas, por outro lado, se pensarmos no lugar como espaço vivenciado, ao efectuarmos o movimento 'entre' não estaremos já no fabrico generativo de um outro lugar? Desde este ponto talvez seja possível criar condições para uma construção genuinamente dialogante. Portugal não é de todo um país homogêneo. As tensões de Entre-Lugar são sistematicamente silenciadas, ao nível das relações internas e externas.

EL- ¿Es posible El sur? Pensando a partir de Boaventura de Souza Santos, é possível um conhecimento científico alternativo a partir dos saberes presentes nas diversas práticas sociais que acontecem em situações periféricas, marginais, sejam estas em Portugal ou nas fronteiras do Brasil, ou só é possível um modelo de ciência e ela não depende da diversidade sociocultural:

AFA. Eu não me revejo em designações como sul global ou norte global. Entendo que fazem parte das diversas configurações dos discursos e das práticas de uma ideologia do progresso e desenvolvimento que se encontra esgotada. Assim como as suas normas e instituições, nomeadamente a académica. Penso que é urgente repensar 'a academia', repensar amplamente os modelos de conhecimento e a forma operativa de nos encontrarmos em plano de equivalência. Julgo que este é um dos maiores reptos do momento presente e vejo-o como tarefa árdua. Não obstante, julgo ser um privilégio estarmos a acontecer agora e integrarmos um trabalho de co-construção da paisagem como tecnologia de organização da experiência.